

PRÁTICAS DE *BULLYING*: um estudo de caso das relações escolares em uma turma de 7º ano

COSTA, Ludmila Almeida ¹; ARAUJO, Ludmilla Carneiro ²;
MOLLICA, Adriana Maria Vieira ³;
CONDÉ, Patrícia Peluso ⁴; MEIRELES, Gabriela Silveira ⁵



¹ Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia do UNIFAGOC.

² Mestra em Educação pela UFV e Professora do curso de Licenciatura Pedagogia da UEMG.

³ Mestre em Educação pela UNISAL e Professora do Curso de Pedagogia pelo UNIFAGOC.

⁴ Professora do Curso de Pedagogia pelo UNIFAGOC

⁵ Professora do Curso de Pedagogia pelo UNIFAGOC

ludmilaalmeidacostaes@hotmail.com
ludmilla.araujo@unifagoc.edu.br
nae@unifagoc.edu.br
patricia.conde@unifagoc.edu.br
gabriela.meireles@unifagoc.edu.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o que os diálogos e os modos de vestir e se portar de adolescentes dizem das práticas de bullying no ambiente escolar. A pesquisa foi realizada a partir da observação de uma turma do 7º ano da rede pública de ensino. Utilizou-se a pesquisa descritiva e qualitativa para cumprir o objetivo. A coleta de dados foi realizada por meio de registros de observação no ambiente onde aconteceu a pesquisa. Foi constatado que os tipos de bullying mais recorrentes em sala de aula são relacionados à aparência física, abrangendo os tipos de roupa e características do corpo. Conclui-se que o bullying está muito presente no ambiente escolar, principalmente com estudantes que se apresentam fora dos padrões de beleza estabelecidos pela sociedade. Nesse sentido, torna-se importante sempre problematizar com os (as) alunos (as) essas questões, na tentativa de desconstruir padrões de normalidade instituídos e excludentes.

Palavras-chave: *Bullying*. Diversidade. Padrões de beleza.

INTRODUÇÃO

A escola tem um papel muito importante na vida dos alunos, pois, além de ser um lugar de produção de conhecimentos, é também um ambiente onde se faz amizade e aprende-se a conviver com a diferença. As relações escolares são diversas, uma vez que a escola é um lugar de multiplicidade de pessoas. Por isso, pode-se dizer que, além de amizades, também costumam acontecer práticas de *bullying*. No decorrer do tempo, o *bullying* foi entendido como um fator normal entre as crianças e adolescentes, próprio da idade, e devido a isso, não buscavam formas para resolver, pois eles mesmos já se acertavam (Ferrari, 2010). No entanto, pesquisas mostraram que os malefícios dessas condutas podem ser severos, ocasionando dificuldades à construção das subjetividades, desenvolvimento de uma autoestima negativa, fazendo com que o processo de aprendizagem e de socialização seja dificultado e contribuindo, inclusive, para a evasão.

De acordo com Matos (2009), as pessoas que oprimem necessitam ter poder e dominar, gostam do controle que têm sobre outros, têm um sentimento positivo quanto à violência e pouca empatia para com as suas vítimas. Dessa forma, percebe-se

que o *bullying* é gerado nas escolas, sendo produzido a partir das relações dos alunos, fazendo com que eles não se sintam confortáveis no contexto em que estão inseridos.

Dentre os tipos de *bullying* presentes no contexto escolar, destaca-se o preconceito com gênero. Gênero é um modo de compreender mais claramente as relações existentes entre homens e mulheres e, assim, diluir preconceitos, já que nos fornece elementos para questionarmos algumas normas e condutas naturalmente atribuídas ao feminino e ao masculino (Costa, 2009). As relações sociais existentes na escola produzem representações de sexualidade e relações de gênero que precisam ser problematizadas, porque podem dar visibilidade a preconceitos e estereótipos que geram situações prejudiciais entre meninos e meninas.

Segundo Bazzo (2020), muitas crianças falam “era uma brincadeira, tia”. Elas começam brincando. Elas não começam com a intenção “eu vou excluir essa criança desse grupo”. Quando elas veem, aconteceu o *bullying*. Nesse sentido, este estudo pretende problematizar o *bullying* praticado no contexto escolar.

Desse modo, este estudo de caso pretende trazer reflexões e observações de comportamentos e de atitudes. Pretende-se responder o seguinte questionamento: o que os diálogos e os modos de se vestir e se portar de adolescentes dizem das práticas de *bullying* no ambiente escolar? O objetivo geral desse trabalho é analisar, a partir da observação de uma turma do 7º ano da rede pública de ensino, o que os diálogos e os modos de se vestir e se portar de adolescentes dizem das práticas de *bullying* no ambiente escolar.

O *bullying* e suas manifestações no ambiente escolar

No ambiente escolar, é comum o trânsito de pessoas de variados jeitos e culturas, principalmente entre os alunos, que são em maior quantidade na escola. O *bullying*, muitas vezes, começa a ser praticado pelos próprios colegas de classe, que têm mais intimidade na sala de aula.

Fante (2005, p. 28-29) define *bullying* como “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas [...] adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento”. Sendo assim, as crianças, nesse contexto, acabam reproduzindo aprendizados preconceituosos sobre determinados grupos, resultando em práticas de violência chamadas de *bullying*.

Pode-se afirmar que as diversidades que se encontram presentes no espaço escolar são geradas social, histórica, culturalmente e derivadas das relações sociais. De acordo com Carvalho (2018, p. 23):

A escola, como instituição social que é, também constrói a autodefinição dos indivíduos, definindo quais características fazem parte da identidade normal. Desse modo quando digo sobre o diferente na escola, estou me referindo àqueles que não se enquadram no padrão identitário da normalidade da escola. Estou dizendo daqueles que desafiam os padrões da escola, aqueles que não tem um lugar comum, produzem incômodos.

Segundo a autora, as instituições sociais escolares acabam atuando numa tentativa de equilibrar os espaços escolares, impondo padrões identitários, objetivando evitar conflitos. Com isso, entende-se que, na escola, existem diversas

identidades encaradas como normais e aprováveis, levando à exclusão de pessoas que não se identificam com essas identidades.

Para Romanholo (2016, p. 10), “dentre as consequências mais citadas pela literatura sobre *bullying* no ambiente escolar, pode-se citar o baixo rendimento em atividades em sala de aula, isolamento, depressão, suicídio”. Conforme Barros e Voltoline *et al.* (2015, p. 9), “o fato de a sala de aula ser o lugar em que os alunos mais sofrem maldades pode estar relacionado ao longo período que os alunos passam em sala. Assim, os agressores acabam tendo um maior tempo para escolher suas vítimas e agredi-las de diversas formas.” Existem muitos tipos de *bullying*, principalmente no contexto escolar, e vários meios de praticá-lo. Uma dessas formas é a utilização de apelidos maldosos pelos colegas de classe, que são usados de forma repetitiva, sem que a pessoa que está recebendo o apelido goste. Outra prática muito comum são os xingamentos, que geralmente surgem de forma agressiva, para menosprezar o outro, e quem pratica se sentir soberano.

Para discutir sobre o *bullying*, previamente é necessário analisar os conceitos que confirmam tais práticas entre os alunos. É válido considerar que o *bullying* não é um problema que surgiu recentemente; é mais antigo, mas com um novo nome, pois sempre existiram as diversidades e as intolerâncias. Segundo Bergamo (2015), existe o *bullying* físico, que é praticado através de agressões contra o corpo; o verbal, que é através de xingamentos e apelidos; o escrito, feito a partir de cartas e bilhetes e o material, em que a vítima tem seus objetos pessoais danificados.

Um fator importante a ser falado é sobre a prevalência do *bullying* em decorrência do gênero, conforme Lopes Neto (2005, p. 57):

Entre os agressores, observa-se um predomínio do sexo masculino, enquanto, no papel de vítima, não há diferenças entre gêneros. O fato de os meninos envolverem-se em atos de *bullying* mais comumente não indica necessariamente que sejam mais agressivos, mas sim que têm maior possibilidade de adotar esse tipo de comportamento. Já a dificuldade em identificar-se o *bullying* entre as meninas pode estar relacionada ao uso de formas mais sutis.

É nesse contexto que as Instituições de Ensino têm o poder para modificar essa realidade: sejam elas públicas ou particulares. “A necessidade de se formar um cidadão desprovido de preconceitos é função de todos os setores da sociedade. Contudo, a escola é o ambiente em que as crianças passam a maior parte do tempo de sua formação” (Pessanha, 2014, p. 19). De acordo com Oliveira (2015, p. 5),

[...] o *bullying* nos faz entrar em conflito com nós mesmos, nos fazendo refletir sobre nossos atos, despertando para a responsabilidade que nos pertence, pois muitas vezes somos culpados, pela ação ou pela omissão, e ainda pela passividade ou agressividade, como vítimas ou testemunhas desses atos violentos contra o ser humano.

Convém lembrar que a violência é presente na maioria dos casos de *bullying* e que a prática vai se tornando cada vez mais violenta e causando feridas mais profundas, sendo assim, mais complexas de serem sanadas.

Gusmão (2000) afirma:

A alteridade revela-se no fato de que o que eu sou e o outro é não se faz de modo linear e único, porém constitui um jogo de imagens

múltiplo e diverso. Saber o que eu sou e o que o outro é depende de quem eu sou, do que acredito que sou, com quem vivo e por quê. Depende também das considerações que o outro tem sobre isso, a respeito de si mesmo, pois é nesse processo que cada um se faz pessoa e sujeito, membro de um grupo, de uma cultura e sociedade. Depende também do lugar a partir do qual nós nos olhamos. Trata-se de processos decorrentes de contextos culturais que nos formam e informam, deles resultando nossa compreensão de mundo e nossas práticas frente ao igual e ao diferente.

A diversidade é algo que sempre vai existir, não importa o lugar, e a escola é um local propício para que essas diversidades sejam mais evidenciadas entre os alunos, principalmente entre crianças e adolescentes nas suas formas de conviver.

Diversidade no ambiente escolar

A diversidade é comum à sociedade e está presente nos mais variados ambientes, especialmente no ambiente escolar, que possui uma multiplicidade de alunos de diferentes etnias, culturas, religiões, modos de se vestir, de se portar. A diversidade de gênero também se encontra presente entre os estudantes.

De acordo com Lemes (2018), existem desigualdades quanto ao tratamento de meninos e meninas na escola, pois as meninas são desde pequenas incentivadas a adotarem comportamentos menos ativos; já os meninos, desde sempre, são encorajados a serem competitivos e adotarem a prática de exercícios físicos e esportes coletivos. Isso mostra que há uma forte influência das famílias, que, ao criarem seus filhos, acabam gerando desde cedo uma diferença, que aos poucos vai afetando o psicológico, causando baixa autoestima e comportamentos que transparecem tristeza e insatisfação.

A partir dessas práticas no contexto escolar, os adolescentes podem acabar criando imagens distorcidas de si próprios, muitas vezes não gostando da imagem que veem no espelho, ou não gostando de se relacionar socialmente com seus amigos, o que causa afastamento social e sensação de incapacidade. Maia (2011, p. 27) afirma:

As relações interpessoais estabelecidas dentro do processo pedagógico entre alunos, professores, funcionários e pais também podem influenciar as questões de gênero, por exemplo, nas atividades de educação física diferenciadas para meninos e meninas, o que reflete uma concepção dos professores de que as meninas são mais incapazes que os meninos na realização de atividades motoras.

As vivências no ambiente escolar deixam clara a existência da desigualdade de gênero, e os adolescentes são influenciados por pessoas de sua convivência a todo instante, como foi citado acima, o que gera preconceito, violência e *bullying*. A questão do gênero e sexualidade é um tema que deve ser tratado com muita importância e cautela, a fim de auxiliar os alunos nessa etapa de aprendizagem de suas vidas.

Gênero e sexualidade

O gênero e a sexualidade são inerentes aos seres humanos. Conforme Camargo (2017), “a palavra gênero expandiu a possibilidade dos papéis sociais e a aplicabilidade na relação entre a expressão de gênero feminino e gênero masculino, reforçando a

subjetividade de cada ser humano na maneira de expressar sua sexualidade”. Ou seja, o comportamento dos indivíduos que convivem na sociedade está em constante discussão acerca do seu gênero, que influencia no seu agir e seu pensar, principalmente na escola pelos amigos e colegas de classe.

De acordo com Bortollini (2011), quando um adolescente escolhe a roupa que vai vestir, coloca um piercing, muda o estilo de seu cabelo, e, ainda, quando sai da frente do espelho e vai para variados lugares e anda de determinado jeito, e quando ele pega o ônibus, ele está afirmando um tipo de cultura vivenciada por ele.

Araújo (2016, p. 3) afirma:

Cinema, televisão, revistas, outdoor, livros didáticos, variados comerciais, a imensidão de imagens da internet, enfim, a leitura imagética do mundo social reproduz a heterossexualidade com distinção de um par oponente e excludente - mulher e homem, como a norma. Assim, as mídias trazem um discurso heterossexista que nos diz a toda hora o que somos e como devemos nos comportar, quais os nossos lugares se têm o que falar, e para quem falar, inclusive quem seriam, supostamente, os nossos ouvintes. As imagens falam abertamente sobre quem é bonito e quem é feio, o que faz alguém feliz, quem vale mais e quem vale menos, como se o gosto de todas as pessoas estivesse sempre empacotado com o mesmo papel.

No ambiente escolar, essa questão não é muito diferente, e a menina e o menino sempre vão ser diferentes em seus mais diversos aspectos, seja na forma de se portar, ou até mesmo de se vestir. Através do convívio, pode-se perceber, nos diálogos dos adolescentes, preconceitos sobre as diferenças de gênero.

Tendo em vista que a heterossexualidade é fundamentada como normal para a sociedade, na escola com os estudantes não é diferente, pois quando alguém foge do padrão de normalidade de gênero, o preconceito aparece, reafirmando, desde cedo, um modelo a ser seguido para estar em dia com a sociedade.

Segundo Madureira (2007), a sexualidade não é, pois, uma “essência” encapsulada no interior do indivíduo. Onde há diversidade, sempre vai haver preconceito. Araújo (2016, p.183) diz:

Contra o sistema de crença a sustentar que existiam diferenças físicas inquestionáveis entre homens e mulheres – diferenças estas que biologicamente definiam os modos de agir de ambos – os estudos de gênero produziram a problematização em torno do fato de que o “homem” e a “mulher” não deviam ser reduzidos a uma mera dualidade sexual. Ao contrário, estes deveriam ser considerados como papéis sociais interdependentes e entrelaçados em complexas tramas socioculturais.

As mulheres e os homens são iguais nos direitos, mas a sociedade acaba exercendo um certo preconceito, quando diz respeito às diferenças encontradas nas culturas, modo de vestir e agir. Na escola é onde ocorre, entre os adolescentes, em sua grande maioria, o preconceito, seja ele qual for. Isso pode acarretar inúmeras dificuldades de relacionamento e comportamento, influenciando o bem-estar físico e emocional dos estudantes.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como objetivo analisar, a partir da observação de uma turma do 7º ano, de uma escola da cidade de Tocantins- MG, o que os diálogos e os modos de se vestir e se portar de adolescentes dizem das práticas de *bullying* no ambiente escolar.

Quanto aos fins, esta pesquisa é considerada descritiva, pois, como denota Gil (2008), ela tem por objetivo principal descrever as peculiaridades de um determinado grupo de pessoas, fenômenos ou estabelecimento de ligações entre circunstâncias. Inclui, também, pesquisas que levam em consideração opiniões e convicções de um grupo.

Pode ser caracterizada como pesquisa bibliográfica, pois, segundo Boccato (2006), faz uso de registros teóricos publicados, analisando e falando as várias colaborações científicas. Esse tipo de pesquisa ajuda a formar conceitos sobre o que foi pesquisado, trazendo conhecimento.

É uma pesquisa básica, visto que tem por objetivo criar percepções atualizadas para o avanço científico, sem precisar de execução prática anterior (Gerhardt; Silveira, 2009).

Esta pesquisa é do tipo qualitativa. Entende-se como qualitativa a pesquisa que não se atenta à representação através de números, mas, sim, através de palavras e questionamentos. Seu grande objetivo é a produção de pensamento. A pesquisa qualitativa, segundo Denzin e Lincoln (2006), aborda uma interpretação do mundo, ou seja, estudiosos buscam entender os fenômenos, através da produção de significados.

A coleta de dados foi realizada através da observação dos alunos em seu ambiente de estudo, por meio de anotações e coletas de informações do que chamava a atenção da pesquisadora sobre as relações. Na observação, os objetivos vão muito além da pormenorizada descrição dos componentes de uma situação, permitindo a identificação do sentido, a orientação e a dinâmica de cada momento (Spradley, 1980 *apud* Correia, 2019). O pesquisador, nesse tipo de pesquisa, envolve-se com os sujeitos e com o campo, não mantendo total distanciamento do objeto de estudo.

Foi utilizado para a pesquisa um diário de campo, como forma de registrar tudo que for presenciado na turma.

É no diário de campo que se exerce plenamente a “disciplina” etnográfica: deve-se aí relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados, e também para colocar em dia as relações que foram nutridas entre o etnógrafo e os pesquisados e para objetivar a posição de observador. (Weber, 2009, p.158).

A análise dos dados foi realizada por meio de narrativas, presentes nas falas dos alunos, nas quais os registros da observação foram dialogados com os autores estudados (Muylaert *et al.*, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa foi realizada por meio de um diário de campo, escrito a partir da observação de uma sala de aula pelo período de 4 dias, com o objetivo de

registrar fatos ocorridos dentro da sala que remetiam a práticas de *bullying* em uma turma de 7º ano. A escola possui turmas do Ensino Fundamental 2, do 6º ao 9º ano, e dispõe de uma boa estrutura, com quadra de esportes, espaço de lazer, refeitório e salas de aula amplas. A escola tem duas turmas de 7º ano, e a pesquisa foi feita em somente uma sala, que possui 34 alunos, sendo 12 meninos e 22 meninas. A maioria dos alunos possui a mesma faixa etária.

Em relação à gestão escolar, observou-se que a escola preza muito pela disciplina dos alunos, sendo obrigatório o uso do uniforme e material didático escolar em dia para participar das aulas, além das regras de comportamento impostas dentro da instituição, por exemplo, não levar refrigerante, não sair antes do horário de término da aula, não mascar chiclete dentro da sala de aula, não usar corretivo líquido, não levar celular e não sair durante a troca de professores. Foram observados alguns casos de *bullying* entre os colegas na turma pesquisada, principalmente sobre a aparência física. Alguns relatos são descritos a seguir.

Primeiros indicadores com relação ao *bullying*

No início da observação, a primeira aproximação foi das meninas, que estavam curiosas para saber sobre do que se tratava a pesquisa, que, logo após, foi explicada pela professora que estava lecionando no momento da aula. Ela disse que a pesquisa era para um trabalho de graduação em Pedagogia, por isso a pesquisadora ficaria alguns dias na sala de aula.

No começo, os (as) alunos (as) ficaram um pouco retraídos, mas não demorou muito para que ficassem à vontade para expor suas emoções e comportamentos do dia a dia com os colegas. Foi observada uma menina aparentemente com sobrepeso que chegou à sala de aula depois de todos os alunos e foi sentar-se no fundo da sala, vestida com um casaco preto, apresentando um semblante triste. A professora imediatamente a chamou para conversar, e ela foi para a biblioteca. Em seguida, alguns colegas começaram a cochichar sobre a menina, com comentários sobre a aparência física e sobre o mau odor, por exemplo, “*ela fede; não dá para sentar perto dela*”. Ficou nítido que a aluna se sentia incomodada e não gostava de frequentar as aulas e, quando ia, preferia fazer as atividades atrasadas na biblioteca.

Romanholo (2016) faz afirmações que confirmam tal prática de *bullying* do agressor e do incentivador. Geralmente, a(s) vítima(s) apresentam comportamentos como timidez e insegurança e o *bullying* acontece muitas vezes com pessoas que fogem do padrão considerado belo pela sociedade. Os/As incentivadores/as incitam a prática, fazendo comentários que vão a favor de quem está praticando, causando ainda mais rejeição à vítima. Percebeu-se com a pesquisa que havia uma prevalência de prática de *bullying* realizado por meninos, que faziam a maior parte dos comentários e piadas em voz alta na sala de aula, levando o restante da turma a participar do ato, seja com risadas ou cochichos.

Notou-se que havia muita impaciência entre os alunos, que usavam de variadas formas para provocar os colegas, como piadas, brincadeiras, agressividade e xingamentos, e isso demonstrava insegurança, porque a maioria fazia isso para chamar a atenção e atrapalhar a aula, como uma brecha para conversar e passar o tempo mais rápido.

Preconceitos quanto aos modos de se vestir

Observou-se nas visitas à escola que uma aluna que era evangélica tinha o comportamento tímido e ia às aulas usando saia. Em razão disso, alguns colegas criticavam sua roupa e seu estilo, com comentários do tipo “*santinha*” e “*certinha*”. Isso aparentemente causava uma baixa autoestima na aluna, deixando-a tímida e retraída ao expor suas opiniões em sala de aula, pelo fato de ser criticada. Quando a vítima se cala e se mostra insegura, os agressores se sentem ainda mais à vontade para continuar praticando *bullying*, influenciando quase a sala toda a participar das risadas e deboches, como Ristum (2010, p. 95) afirma:

Em síntese, considerando o que é consensual nas várias definições, podemos reconhecer o *bullying* escolar nas situações em que um aluno, ou um grupo de alunos, causa intencionalmente e repetidamente danos a outro(s) com menor poder físico ou psicológico. Esta assimetria de poder se faz presente mesmo quando só existe na percepção da vítima, que se sente incapaz de reagir à agressão.

Havia também uma menina que ficava a maior parte da aula de cabeça baixa, com semblante triste. Observou-se que havia em seu braço cicatrizes de corte, mas ninguém falava nada com ela, deixando-a sozinha sem conversar e interagir na aula. Com isso, acabava sendo excluída pelos colegas, que a tratavam com indiferença, degradando sua imagem e levando-a mais ainda ao isolamento.

Nesse sentido, as características pessoais do indivíduo interferem na qualidade da convivência estabelecida. No contexto escolar, alguns alunos acabam ficando mais isolados por não conseguirem fazer parte de um grupo, ou por não terem o mesmo comportamento, o que gera baixa autoestima e insegurança, levando a diversas dificuldades de desenvolvimento estudantil.

Em relação ao modo de vestir, observou-se que as meninas gostavam de ir para a escola bem arrumadas, com maquiagem, penteados no cabelo e sempre cheirosas; já os meninos se mostravam mais largados e gostavam de jogar cartas e fazer comentários sobre as meninas, criticando e dando opiniões sobre seu jeito mais frágil de ser. Algumas meninas conversavam sobre assuntos de namoro, mas na prática acabavam sofrendo preconceito em relação ao seu corpo, por estarem em fase de crescimento e mudanças. Os meninos, de modo geral, não escondiam suas opiniões e falavam em voz alta sobre isso; já as meninas se mostravam mais discretas quando comentavam algo.

Lopes Neto (2005) afirma que a dificuldade em identificar o *bullying* entre as meninas pode estar relacionada ao uso de formas mais sutis. Com essa afirmação, deixa claro que os alunos do gênero masculino exercem uma posição de maior poder sobre as meninas na sala de aula, enquanto as meninas são mais discretas e evitam transparecer um mau comportamento perto dos colegas e professores.

Sexualidade e adolescência

Uma observação feita na pesquisa foi em relação à sexualidade dos alunos. Observou-se que, na sala de aula, as meninas são alvo de comentários sobre aparência física, por se desenvolverem primeiro e de forma mais acelerada, e isso acaba atraindo os olhares dos meninos, seja para falarem algo bom ou para criticar. Conforme Bortolini (2011, p. 31), existem:

Padrões que dizem quem é feio quem é bonito, qual o cabelo bom, qual o cabelo ruim, que roupas são de meninos, que roupas são de meninas, quais os jeitos e trejeitos que ele ou ela, eu ou você podemos ter. Normas que são construídas e desconstruídas, num jogo que envolve desigualdades, opressões, contradições e enfrentamentos.

Observou-se que, na escola, o relacionamento entre os adolescentes diz muito sobre seus gêneros e sexualidades, pois demonstra comportamentos claros que diferem o gênero masculino do feminino, como foi dito pelo autor, em relação à aparência física e ao estilo de que gostam.

Em um dos dias de observação, uma aluna estava com camisa social masculina e cabelo preso e, segundo a professora, ela já havia falado que gostava de ambos os sexos, seu comportamento se assemelhava a comportamentos considerados masculinos e em sala de aula ela conversava e ficava muito com as meninas. Ela tinha 12 anos de idade e apresentava uma opinião, aparentemente convicta, sobre a sua sexualidade. Os colegas não aparentavam ser preconceituosos quanto a isso, pois tratavam a menina de forma normal, sem excluí-la das atividades em grupo e rodas de conversa. Uma das maneiras de definir a sexualidade é a busca por satisfação plena, em desenvolvimento contínuo, que envolve as questões biológicas, psicológicas e sociais (Camargo, 2017, p. 1).

Apesar de a aluna apresentar uma orientação sexual diferente do considerado aceito pela sociedade, percebeu-se que não havia práticas de *bullying* pelos colegas quanto a isso, já que o convívio na sala de aula mostrava-se bom. A professora, no entanto, apresentava certa preocupação com essa aluna, pelo fato de ela se posicionar sobre sua sexualidade de forma aberta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa, foi possível perceber que há muitos alunos que sofrem com práticas de *bullying* na escola pesquisada. Notou-se que os alunos que sofrem geralmente agem de forma passiva, comportando-se de modo mais tímido, e se omitindo nas conversas durante a aula. Já os alunos agressores apresentaram um comportamento de superioridade, demonstrando intolerância e atitudes desrespeitosas em relação aos colegas.

Com base no que foi pesquisado, observou-se que os tipos de *bullying* mais recorrentes em sala de aula são relacionados à aparência física, abrangendo os tipos de roupa e características do corpo.

Dessa forma, é necessário que professores e escola garantam um ensino de qualidade, abordando temas acerca do *bullying*, gênero e sexualidade, com o objetivo de capacitar os alunos a terem mais respeito e tolerância perante as diferenças.

Conclui-se que o *bullying* está muito presente no ambiente escolar, principalmente com estudantes que se apresentam fora dos padrões de beleza estabelecidos pela sociedade como naturais. Nesse sentido, torna-se importante sempre problematizar com os (as) alunos (as) essas questões, na tentativa de desconstruir padrões de normalidade instituídos e excludentes.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Denise Bastos de. Outras falas sobre gênero e sexualidade na escola. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 2, p. 19-27, 2016.
- BAZZO, Juliane. Falar de *bullying* sem dizer do gênero: dilemas do Programa Nacional de Combate à Intimidação Sistemática nas escolas brasileiras (Lei n. 13.185/2015). **Anuário Antropológico**, v. 45, n. 3, p. 223-245, 2020.
- BERGAMO, Karoline. Os 8 tipos de *bullying*. **Revista bem-estar**. 2015. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/bem-estar/os-8-tipos-de-bullying/> Acesso em: 13 abr. 2022.
- BÉRGAMO, Leticia Nagel. **Vitimização entre pares e práticas docentes no ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação). Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Paraná. 2016.
- BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BORTOLINI, Alexandre. Diversidade sexual e de gênero na escola. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 123, p. 27-37, 2011.
- COSTA, Ana Paula Astrath *et al.* Sexualidade, gênero e educação: novos olhares. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 4, n. 1, p. 65-75, 2009.
- CAMARGO, Shelley Arruda Pinhal de; SAMPAIO NETO, Luiz Ferraz de. Sexualidade e gênero. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 4, p. 165-166, 2017.
- CARVALHO, Carolina Alvarenga de. **Você não pode me ignorar, eu estou aqui! Narrando com os cotidianos de uma escola**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2018
- CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar Enfermagem-Revista Científica | Journal of Nursing**, v. 13, n. 2, p. 30-36, 2009.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- FANTE, Cleo. **O fenômeno bullying**. Campinas: Ed. Verus, 2005.
- FERRARI, Anderson. “Eles me chamam de feia, macaca, chata e gorda. Eu fico muito triste” – Classe, raça e gênero em narrativas de violência na escola. Instrumento: **R. Est. Pesq. Educ.** Juiz de Fora, v. 12, n. 1, jan./jun. 2010
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Desafios da diversidade na escola. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 5, n. 2, p. 9-28, 2000.
- LEMES, Daniela Carolina Molina et al. Satisfação com a imagem corporal e bem-estar subjetivo entre adolescentes escolares do ensino fundamental da rede pública estadual de Canoas/RS, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 4289-4298, 2018.

LOPES NETO, Aramis A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. s164-s172, 2005.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral *et al.* **Gênero, sexualidade e diversidade na escola**: a construção de uma cultura democrática. 2007.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; NAVARRO, Carolina; MAIA, Ari Fernando. Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. **Psicologia da Educação**, n. 32, 2011.

MATOS, Margarida Gaspar de; GONÇALVES, Sónia M. Pedroso. *Bullying* nas escolas: comportamentos e percepções. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 10, n. 1, p. 3-15, 2009.

MUYLAERT, Camila Junqueira *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev Esc Enferm**, USP. 2014.

OLIVEIRA, Patrícia Tatiane; LODI, Ivana Guimarães. *Bullying*: Um desafio no âmbito educacional. **Revista Evidência**, v. 10, n. 10, 2015.

VOLTOLINE, Daiane; BARROS, Paulo Cesar. **Identificar a incidência e tipos de bullying mais frequente na escola**. XII Congresso Nacional de Educação. EDUCERE. 2015.

PESSANHA, Fraga *et al.* O respeito à diversidade e a formação social do indivíduo: uma análise do *bullying* sofrido por crianças advindas de famílias homoafetivas. **Opinião Jurídica**, v. 13, n. 25, p. 51-67, 2014.

RISTUM, Marilena. *Bullying* escolar. **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Fiocruz, 2010.

ROMANHOLO, Iraci Aparecida. **Bullying nos espaços escolares**: um novo problema ou um problema antigo com novo nome? Monografia Especialização Digital. Coleções Gênero e diversidade na escola. 2016.

ROMANHOLO, Iraci Aparecida. **Bullying nos espaços escolares**: um novo problema ou um problema antigo com novo nome?, p. 8, 2016.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, v. 15, p. 157-170, 2009.